

# A criança e o suporte de seu desejo: Lacan, Maud Mannoni e o caso Mireille

---

Francisca Jaquelane Pontes Marques  
e Luis Achilles Rodrigues Furtado

## Resumo

O presente estudo analisa o caso apresentado por Maud Mannoni, utilizando-o como inspiração na clínica com crianças gravemente comprometidas. Tal caso foi comentado por Jacques Lacan no seminário de 1964. Estudamos a questão da constituição subjetiva, considerando as noções de alienação, holófrase, hipoteca do ser, e a dimensão da psicose na educação das pessoas com debilidade mental. A pesquisa é motivada pela experiência clínica com crianças autistas, em que são revisitados textos de Lacan buscando compreender a constituição do sujeito e esclarecer mal-entendidos clínicos e teóricos, como a culpabilização dos pais de autistas com base na psicanálise. A pesquisa é relevante para lançar luz sobre as questões fundamentais concernentes à clínica do autismo e da psicose.

## Palavras-chave:

Desejo; Alienação; Psicose; Holófrase; Psicanálise.

## The child and the support of their desire: Lacan, Maud Mannoni, and the Mireille case

## Abstract

This study analyzes the case presented by Maud Mannoni, using it as an inspiration in clinical work with severely impaired children. The case was discussed by Jacques Lacan in his 1964 seminar. We examine the issue of subjective constitution by considering notions such as alienation, holophrase, mortgage of being, and the dimension of psychosis in the education of people with mental disabilities. The research is motivated by clinical experience with autistic children, revisiting Lacan's texts to understand the constitution of the subject and clarify clinical and theoretical misunderstandings, such as the blaming of parents of autistic children from a

psychoanalytic perspective. The study is relevant for shedding light on fundamental questions related to the clinical approaches to autism and psychosis.

### **Keywords:**

Desire; Alienation; Psychosis; Holophrase; Psychoanalysis.

## **El niño y el soporte de su deseo: Lacan, Maud Mannoni y el caso Mireille**

### **Resumen**

Este estudio analiza el caso presentado por Maud Mannoni, utilizándolo como inspiración en la clínica con niños gravemente afectados. Dicho caso fue comentado por Jacques Lacan en su seminario de 1964. Estudiamos la cuestión de la constitución subjetiva considerando las nociones de alienación, holofrase, hipoteca del ser y la dimensión de la psicosis en la educación de las personas con discapacidad mental. La investigación está motivada por la experiencia clínica con niños autistas, en la que se revisitan textos de Lacan en busca de comprender la constitución del sujeto y aclarar malentendidos clínicos y teóricos, como la culpabilización de los padres de niños autistas desde la perspectiva psicoanalítica. La investigación es relevante para arrojar luz sobre las cuestiones fundamentales relacionadas con la clínica del autismo y la psicosis.

### **Palabras clave:**

Deseo; Alienación; Psicosis; Holofrase; Psicoanálisis.

## **L'enfant et le support de son désir : Lacan, Maud Mannoni et le cas Mireille**

### **Résumé**

Cette étude analyse le cas présenté par Maud Mannoni, en l'utilisant comme source d'inspiration dans la clinique avec des enfants gravement affectés. Ce cas a été commenté par Jacques Lacan lors de son séminaire de 1964. Nous étudions la question de la constitution subjective en considérant les notions d'aliénation, d'holophrase, d'hypothèque de l'être et la dimension de la psychose dans l'éducation des personnes avec un handicap mental. La recherche est motivée par l'expérience clinique avec des enfants autistes, revisitant les textes de Lacan dans le but de comprendre la constitution du sujet et d'éclaircir des malentendus cliniques

et théoriques, tels que la culpabilisation des parents d'enfants autistes d'un point de vue psychanalytique. La recherche est pertinente pour éclairer les questions fondamentales liées à la clinique de l'autisme et de la psychose.

### **Mots-clés :**

Désir ; Aliénation ; Psychose ; Holophrase ; Psychanalyse.

## **Introdução**

No ensino de Lacan, há uma referência importante à psicossomática, à debilidade e à psicose. Trata-se da aula de 10 de junho de 1964, que apresenta a noção de holófrase, que ele exemplifica com a experiência de Maud Mannoni (1964/1995) em seu livro na época recém-publicado e posteriormente traduzido em português como *A criança retardada e sua mãe*. Ali, ele afirma que é a “dimensão do psicótico” que se introduz na educação do débil, o que Mannoni tenta designar como aqueles “que, de um modo qualquer, podem ser comissionados a levantar sua hipoteca” (Lacan, 1964/1985, p. 225).

Aparentemente simples, essas palavras nos causaram interrogações durante muito tempo. O que significa holófrase? O que significa ser comissionado a levantar sua hipoteca? Com base em nossa experiência com crianças gravemente comprometidas — em sua maioria, tendo recebido o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) —, essa referência de Lacan nos colocou questionamentos que nos levaram a investigar um pouco mais a fundo o problema. Perguntamos qual seria o caso especificamente aludido por Lacan e, com base nisso, como pensar a constituição do sujeito em nossa experiência.

Percebemos que a alusão ao texto de Mannoni relaciona-se com o que pode ser lido nas notas dirigidas a Jenny Aubry em 1969 (Lacan, 1969/2003). Assim, surgiu uma indagação: dada a proximidade dos termos, tanto em 1964 quanto em 1969, estaria Lacan referindo-se a um mesmo caso, tal como nos insinua Furtado (2021, 2024)? Disso deriva o que tentamos compartilhar no presente trabalho.

Quanto à proximidade dos termos, vejamos, por exemplo, as palavras de Mannoni (1964/1995, p. 35) que coincidem com as do próprio Lacan: “Tocar na impotência do filho é tocar na falta de ser da mãe, provocando assim, muitas vezes, reações ao nível da realidade, na falta de mediador simbólico.” Por sua vez, Lacan (1969/2003, p. 369), no “recado” a Aubry, afirma: “A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação, (...) deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas.” Com base nas coincidências textuais e de argumentos, podemos referir-nos ao caso Mireille, mais detalhadamente apresentado pela autora em outra obra anteriormente citada (Mannoni, 1967/2016).

Nosso estudo se justifica por realizar uma precisão dos termos teórico-clínicos na busca de desfazer um reiterado mal-entendido conceitual que culpabiliza os pais de autistas com base na psicanálise. Em um estado de negativismo autista, por exemplo, são os outros que falam pela criança. Tal forma de alienação subjetiva é, por um lado, constitutiva; por outro, manifesta uma petrificação, pois o sujeito se constitui também pela separação em relação ao discurso e ao desejo do Outro (Lacan, 1964/1985, 1969/2003).

## **Lacan, a alienação e a hipoteca do ser**

De acordo com Soler (1998), Freud considera que o pensamento e o sujeito estão no mesmo lugar, mas isso não significa que o sujeito saiba que isso ocorre, revelando-se como ausente pela relação com o inconsciente. Ainda para Freud, o pensamento ocorre sem o Eu, a não ser que aconteça de alguém pensar em seu lugar, o que é considerado alienação. O sujeito, primordialmente, é constituído no Outro como lugar de significante e fala. Nesse sentido, o Outro vai preceder o sujeito com sua fala antes que esse venha a surgir, sendo essa condição de alienação sua primeira posição na dialética constitutiva. O sujeito, portanto, para a psicanálise, é um efeito do significante constituído inicialmente no campo do Outro.

O ser falante não tem como evitar a alienação, porque sua constituição é estruturalmente ligada à função da fala. Nesse sentido, para além de “constituição”, podemos falar de “instituição” do sujeito, o qual só se constitui a partir de uma alienação ao campo do Outro, o que permite a Lacan afirmar que o desejo é o desejo do Outro. Entretanto, é necessária uma separação, que pode ou não ser subjetivada. É preciso que ocorra o encontro com a falta no campo do Outro, isto é, um efeito de perda do objeto. Na interseção entre o sujeito e o Outro, está presente uma hiância, sendo a falta no campo do Outro constitutiva do desejo (Lacan, 1964/1985).

Soler (1998) lembra que Lacan coloca o desejo como metonímia, por se desligar da fala, especialmente no atendimento de crianças, ao observar sua relação com a fala de seus pais, o que ocasiona a falta constitutiva do desejo e a dificuldade de separação do campo do Outro. Assim, na alienação, há um paradoxo no qual o sujeito perde seu ser, por se congelar em um sentido. Entretanto, o vazio do campo do Outro, quando é inscrito psiquicamente pela perda do objeto, provoca um efeito de separação, que é o segundo tempo da dialética da constituição subjetiva. A separação ocorre pelo efeito de perda, da castração do Outro. E é nesse momento que a barra divide o sujeito e o Outro.

Em alguns casos, o sujeito permanece alienado ao discurso do Outro e ocupa a posição de objeto de gozo para esse Outro. Essa posição solidificada (Lacan 1964/1985, p. 225) é entendida como holófrase de dois significantes e não produz

o efeito de constituição do sujeito a partir de sua relação com o simbólico, tendo como consequência sua não emergência no real. Lacan afirma que quando o sujeito, para esse Outro, fica reduzido a não ser mais do que apenas objeto, definido apenas por um significante, ele é assujeitado pelo desaparecimento do desejo e incapacitado de falar em nome próprio, restando a questão clínica e teórica de se podemos falar de desejo nesses casos, tal como Julieta De Baptista (2020) aborda em seu estudo.

Lacan (1964/1985, p. 225) aborda a holófrase como ausência da dimensão metafórica, produzindo o apagamento da função do sujeito. O sujeito fica congelado em uma significação única e é tomado pelo Outro na forma de objeto mascarando a verdade da falta constitutiva. Por outro lado, em vários casos ditos de autismo, por exemplo, vemos um ser — que devemos chamar de falante, apesar de não recorrer à função da fala — que manifesta toda a dificuldade de subjetivar a perda de algo de si e a diferença entre os significantes. Tal quadro é uma ilustração do que Lacan designa como holófrase.

O autor (Lacan, 1964/1985, p. 225) afirma que a criança débil pode ocupar o lugar da série de identificações aos objetos, sendo reduzida a não ser mais do que o suporte de um desejo em um termo obscuro, termo não localizável, anônimo. Lacan é explícito, dizendo “na medida em que”; quando a criança está identificada a esses objetos do desejo do Outro sem um nome, em um termo obscuro, manifesta-se a dimensão da psicose. Logo, isso significa que podem existir casos de debilidade em que a criança ocupa posição de objeto de um desejo, mas esse é um desejo que “não é anônimo” (Lacan, 1969/2003, p. 369). Por isso, não apresenta esse fator comum com a psicose. Nem todos os débeis são psicóticos, nem todos os psicóticos são débeis — fato absolutamente comum na clínica com os ditos autistas, em que sintomas psicóticos e de debilidade se apresentam superpostos com constância. É nesse contexto que Lacan cita Maud Mannoni, exemplificando o que ocorre quanto à hipoteca do ser do sujeito (Lacan, 1964/1985, p. 225).

## O caso Mireille

Mannoni apresenta o caso Mireille em dois textos importantes. No livro *A criança retardada e sua mãe* (Mannoni, 1964/1995),<sup>1</sup> a autora aborda a relação primordial da mãe com a criança. Nele, ela diz que a criança e a mãe formam, às

---

1 O título original da obra em francês é *L'enfant arriéré et sa mère*, no qual consta a palavra *arriéré*, termo utilizado na época para as pessoas que tinham um desenvolvimento intelectual e psíquico não correspondente às outras de sua idade, apresentando um atraso no desenvolvimento, portanto. Daí sua relação com a noção de debilidade e, hodiernamente, com a de deficiência intelectual. Ademais, salientamos que em psicanálise o uso da noção de debilidade mental não corresponde ao de deficiência intelectual, pois se refere a um modo de posicionamento na relação com o Outro (Sanches & Berlink, 2010).

vezes, um só corpo, em uma confusão de desejo, como se vivessem uma única história. Afirma que a criança tende a viver, por meio dos sintomas, o que não foi resolvido na experiência de castração da mãe, como se esses sintomas projetassem a angústia materna.

De acordo com a autora, antes mesmo do momento da concepção, o sujeito já é colocado no plano fantasístico da mãe, tendo seu destino planejado com a função principal de suprir uma falta-a-ser materna e ser um objeto sem desejos próprios. Nesse viés, os filhos são objetos de desejo da mãe — correspondentes absolutos ao Ideal do eu, como diria Lacan (1969/2003) — e realizam uma saturação da falta, produzindo uma evocação alucinatória do que se perdeu na infância da mãe.

O caso clínico de Mireille (Mannoni, 1964/1995, p. 38) demonstra o suporte fantasístico que é reproduzido na fala materna: “Quando Mireille está comigo, não tenho medo”; “Se a senhora levar Mireille, eu não poderei viver”. Nesse viés, a autora sustenta a hipótese de que, diante de qualquer manifestação de autonomia da filha, há o desaparecimento da mãe e do suporte de sua fantasia, o que a faz combater qualquer possibilidade de separação. Mireille é impossibilitada de realizar a subtração do gozo por meio de uma falha simbólica, uma forclusão, pois responde sempre ao desejo de um Outro e sente-se reconhecida apenas quando age como alguém que necessita de cuidados.

Portanto, para Mannoni (1964/1995), o sintoma persistente na criança recorre — “ressortir”, como se referiu Lacan (1969/2003, p. 369) — ao sintoma da mãe, que se realiza nesse processo, e, assim, há a elisão dos problemas do desejo. Nos casos próximos à esquizofrenia, aproximamo-nos de um imaginário despedaçado, autotóxico, submetido ao gozo do Outro, mas que também manifesta a holófrase, na medida em que não é todo o sujeito que desaparece sob a esquizofrenia, pois sempre há alguma relação com o Outro, como ilustra o caso Mireille.

Mannoni (1967/1987) retoma o mesmo caso Mireille com mais detalhes em sua outra obra, intitulada *A criança, sua “doença” e os outros*. Nela, relata que a menina tinha 8 anos e havia sido diagnosticada com esquizofrenia em base oligofrênica, isto é, sua esquizofrenia também apresentava precocemente um retardo no desenvolvimento mental,<sup>2</sup> sendo necessário recorrer à análise para conseguir voltar à escolarização. Em decorrência de um acidente de carro aos 5 anos de idade, Mireille sentia-se com o corpo despedaçado — o que corroborou o “impedimento” da castração simbólica, segundo Mannoni (1967/1987). A criança relatou

---

2 Não podemos deixar de sublinhar aqui a atualidade e a frequência desses casos, 60 anos depois. Apesar de uma categoria como a esquizofrenia oligofrênica infantil estar abolida da psiquiatria contemporânea, tendo caído em desuso, o que temos é a presença em massa do diagnóstico de TEA, o qual abarca casos estruturalmente correspondentes à psicose infantil e todas as suas consequências sobre o desenvolvimento dessas crianças.

em uma sessão que o corpo é constituído por pedaços que se entendem ou não. Com isso, ela nomeia-se como Carola, nome de sua irmã mais nova, que tem um corpo sem despedaçamento.

Logo na primeira sessão de análise, Mireille se questiona sobre “Quem é Mireille?” (Mannoni, 1967/1987, p. 168) e faz discursos vazios, retornando a seu lugar de “prótese junto à mãe” (Mannoni, 1967/1987, p. 173). Tal fato reafirma a teoria de Lacan sobre a abdicação do ser como sujeito. Posteriormente, com a análise, a menina torna-se adaptável a uma vida em grupo, mas em local especializado. Porém, os pais, ao perceberem as mudanças, utilizam-se de justificativas para não a levar às sessões. O pai se sente impotente, ameaça divorciar-se e diz que seu chefe o impede de cuidar da filha. A mãe torna-se uma mulher deprimida, de pressão baixa. Ou seja, eles desejam que nada mude e que a menina continue sendo o suporte fantástico deles de serem débeis quanto ao desejo. Os pais deixam Mireille apenas com a alternativa de continuar doente. Como ela mesma introduz em sua fala: “Mamãe quer Mireille assim, então por que mudar?” (Mannoni, 1967/1987, p. 173).

Para Mannoni (1967/1987), a forclusão do Nome-do-Pai se apresentaria, nesse caso, por meio da superpotência materna, não permitindo à criança constituir seu Eu e subjetivar-se como alguém diferente do objeto da fantasia do outro. O retorno dela à análise ocorre somente quando o pai percebe que também precisa de análise, mas exige que forneçam uma garantia contra sua esposa. Tal pedido faz com que ele sinta que é o chefe, reafirmando a autoridade da esposa sobre ele. Com isso, percebemos a postura fálica e superpotente da mãe de Mireille, não abrindo espaço para uma dialetização da relação com a criança, e a inoperância da palavra do pai como mediadora da relação objetal da mãe com a filha. Mireille, quando trazida pelo pai de volta à análise, age com recusa e nega-se a entrar na sala. É então que Mannoni (1967/1987, p. 172) lança uma intervenção retificadora da função paterna: “Quando há um Pai para dirigir a mamãe e a menina, é mais fácil. A menina não tem mais necessidade de ter medo. Sabe onde se encontra.” A menina entra na sala, deita-se no divã e começa a falar algo que parece vir do Eu da mãe.

No final do segundo ano de tratamento, Mireille vai para uma pensão de crianças. Tal ideia foi sugerida pelo pai. A separação — que era necessária ocorrer simbolicamente — foi operada na realidade. Ao ser informada, a criança apresentou sintomas febris, como forma de recusa, e sua mãe começou a ter sentimentos de vazio e de morte, pois a independência da menina gerava uma falta nela proveniente de seu desejo inconsciente. Sua filha, assim, correspondia ao objeto mais precioso da mãe: sua própria vida! Ela preenchia a vida de sua mãe, saturava sua falta, diria Lacan (1969/2003). Na pensão, Mireille continuou o tratamento e começou a apresentar demandas, permitindo-se ter desejos. Porém, o pai, influen-

ciado pela esposa, intervém no tratamento da filha, retirando-a da pensão e alegando que a menina pertence a eles. Mireille retorna à função de prótese da mãe.

Mireille não consegue abordar o problema da castração, porque afeta diretamente a posição dos pais em relação ao significante, sendo esse o falo e Nome-do-Pai. Assim, ao ser retirada da pensão, limita a ação terapêutica e percebe-se um vazio, no qual as palavras não têm sentido e não há a apreensão do simbólico pelo pai, que sempre intervém na realidade. A criança encontra-se presa entre a cura e a loucura, e, assim, ela questiona a mãe: “aqueles que são anormais e o fazem expressamente, será que está certo?” (Mannoni, 1967/1987, p. 178). Isso significa que o retardamento e a loucura vividos por ela são desenvolvidos com um Outro ou por um Outro, e, nisso, ela se encontra como sujeito, dizendo ainda que quem fala é seu disfarce, e não ela.

A evolução da criança ocorre de forma gradual nos encontros com a analista, em que ela usa esse Outro como alguém possível de aliviar toda a sobrecarga de ser a doença da família, passando a analista a sustentar a angústia de seus pais. Com isso, a menina aparece como sujeito e também como sintoma de um familiar, ou seja, uma fuga por meio de uma série de identificações em vista da angústia proveniente de uma possível separação das identificações parentais. Mas, ao mesmo tempo, há a tentativa de mostrar-se na forma de negação em meio a esses desencontros de um Eu eclipsado e obter a simbolização. Nesse processo, o Eu estava sendo apagado — nunca completamente — diante da doença para manter o significante do Outro.

## **Nota sobre a criança**

A alusão feita por Lacan (1964/1985) ao trabalho de Maud Mannoni apresenta um comentário geral, no qual salienta que na debilidade apresenta-se algo da dimensão da psicose, ou seja, a alienação do sujeito em um termo obscuro do desejo do Outro. Lacan afirma que em casos assim a cadeia primitiva de significantes, constitutiva do sujeito, é tomada como uma coisa só, solidificada, e a articulação significante fica reduzida a apenas um termo correspondente, isto é, holófrase. Sublinhamos a ênfase de Lacan (1964/1985, p. 225) na proximidade da psicose no que tange à relação com a linguagem no sujeito débil: “É certamente algo da mesma ordem do que se trata na psicose.” Nessa expressão, Lacan não está estabelecendo uma sinonímia entre debilidade e psicose, mas algo que aproxima as duas manifestações, especialmente no campo da educação daquelas crianças.

Com a leitura do caso Mireille, percebemos a proximidade literal e temática dos comentários clínicos, não só quanto ao seminário de 1964, localizando a repetição dos argumentos quando dirigidos, cinco anos depois, a Jenny Aubry, no texto “Nota sobre a criança” (Lacan, 1969/2003), no qual há duas teses verificáveis na

clínica com crianças. Na primeira, o sintoma da criança corresponde ao que há de sintomático na estrutura do casal parental, definindo o sintoma como o representante da verdade. Já na segunda, Lacan faz menção aos casos nos quais “o sintoma que vem a prevalecer decorre da subjetividade da mãe” (Lacan, 1969/2003, p. 369). O autor considera que a questão é sobre a causa do sujeito em sua relação com o Outro materno, que o sintoma do sujeito recorre a outra jurisdição à instância das leis da mãe como encarnação do Outro nesses casos.

No caso Mireille, ela é para a mãe uma defesa contrafóbica, pelo fato de a mãe ter ficado órfã aos 20 anos. O marido não está sempre presente para exercer a função de preservá-la contra o medo. Desta feita, o pai não consegue estabelecer uma função de mediação entre a identificação com o Ideal de Eu (ser a própria vida e, portanto, não ser órfã) e o desejo da mãe. Assim, Mireille fica impossibilitada de advir como sujeito, por não interpretar seu significado no desejo do Outro nem operar uma separação em relação a esse lugar. A criança ilustra a afirmação de Lacan a Aubry: “ela aliena em si todo o acesso possível da mãe à sua própria verdade, dando-lhe corpo, existência e até a exigência de ser protegida” (Lacan, 1969/2003, p. 370).

Vemos, com essa ilustração, que a criança ocupa a posição do objeto *a* da fantasia materna, e “ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for a sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica” (Lacan, 1969/2003, p. 370). Ainda para Lacan (1969/2003), nos casos em que testemunhamos a presença de algum sintoma somático na criança, essa manifestação orgânica passa a servir como garantia do desconhecimento da mãe em relação à sua verdade como sujeito. O sintoma somático pode ser utilizado como “recurso inesgotável”, que demonstra as diversas formas de defesa possível quanto à verdade do desejo e da castração: a) pode demonstrar uma dimensão de culpa — marca de uma neurose; b) pode ser usado como fetiche — marca de um uso perverso; c) pode apontar para uma recusa primordial — uma forclusão, própria da psicose.

Furtado (2024) destaca a maneira como o discurso cientificista contemporâneo ilustra o uso do sintoma orgânico como forma de desconhecimento da verdade singular sob um modo de luta identitária neurodiversa. Também no campo da educação, podemos perceber como as crianças — especialmente as ditas autistas — são tomadas como objeto pelo Outro da ciência, que invade as famílias e as escolas. Assim, essas crianças ficam reduzidas a objetos de intervenção técnica especializada, causas jurídicas, estatísticas de rendimento escolar etc. Para que ocorra a constituição subjetiva, é necessário que incida um desejo que não é anônimo, inscrito em uma linhagem, portanto, e não de um Outro neutro, como a própria ciência e seus especialistas.

Em uma relação dual com a mãe, como no caso Mireille, sem dialetização operada por um termo que permita a nomeação do desejo — Nome-do-Pai<sup>3</sup> —, a criança fornece à mãe o que o próprio “sujeito masculino” não tem: sua vida. Tal fato é constatável cotidianamente, com tantas pessoas que reduzem sua vida de mulheres à significação de “mães neurodiversas”, por exemplo.<sup>4</sup> Assim, uma equivalência se produz: essa mãe só existe porque essa criança, com seu sintoma, existe. A dificuldade clínica se apresenta justamente sob a questão de como operar uma separação quanto a essa identificação tão solidificada.

## Conclusão

Quanto à questão de se o exemplo do livro de Maud Mannoni — a que Lacan alude em 1964 e no texto “Nota sobre a criança” — refere-se ao caso Mireille, não temos como responder a ela objetivamente, pois não encontramos nenhuma declaração explícita que confirme essa hipótese, mas podemos afirmar que, no *Seminário 11* (Lacan, 1964/1985), seus comentários se referem ao texto *A criança retardada e sua mãe*. Entretanto, nosso estudo tem valor didático, pois resgata uma ilustração clínica de problemas que permanecem atuais, apesar de com outra nomenclatura — pois estamos em tempos do *Manual diagnóstico e estatístico das doenças mentais* (American Psychiatric Association, 2013).

Quanto à hipoteca do sujeito (Lacan, 1964/1985), podemos concluir que Lacan está afirmando que Mannoni tenta designar a dimensão do psicótico na educação da debilidade mental, referindo-se àqueles que ocupam função de suporte do desejo da mãe, ou seja, suportam o desejo do Outro a partir de um “termo obscuro”, permanecendo alienados como objetos, e não como sujeitos. Disso decorre uma petrificação (Lacan, 1975/1991, p. 135), que impede a subjetificação e a dialetização de sua história e de seu desejo. A mãe, como sujeito de desejo e de gozo, ocupa o lugar da fala do filho e faz desaparecer a demanda do sujeito, alienando o ser. O estudo e a leitura do caso Mireille nos permitem testemunhar com mais clareza essas afirmações.

Da ausência de uma mediação entre a dupla de significantes decorre uma desorganização pulsional, que se manifesta como o desaparecimento ou mesmo um caclisma do Eu. A consequência desse quadro é a impossibilidade de a função do sujeito advir. O sintoma da criança, nesses casos, não é apenas uma “doença”, mas impasses que representam algo que obedece à jurisdição do Outro como lugar dos

---

3 Considerando que o texto de Mannoni data de 1967, é importante notar que não consideramos aqui a reformulação de Lacan (1974-1975) sobre a noção de Nome-do-Pai como plural e equivalente à nomeação, como ato, muito mais do que um termo específico.

4 A discussão aqui, obviamente, torna-se complexa, por envolver todas as questões identitárias e determinações político-sociais, que escapam a nosso objetivo neste texto.

significantes que ordenam a posição do sujeito. Ademais, esse fator torna-se mais complexo quando a mãe se identifica ao discurso médico, gozando da nomeação diagnóstica, acessando diversos benefícios subjetivos, sociais e jurídicos. Deve-se atentar, ademais, que se trata, na perspectiva analítica, da função materna, e não do exercício da maternidade, na realidade. É importante lembrar que Lacan (1969/2003, p. 369) se utiliza do termo “*ressortir*” para nomear o desejo da mãe em sua nota a Aubry. O termo, como lembra Furtado (2024), tem conotação de recorrer a uma jurisdição, a uma instância, a instância do Outro. Logo, esse sentido está bem longe do que se pode entender como culpabilização das mães ou de quem quer que seja pela posição subjetiva de uma criança.

Esses lucros reforçam a posição da criança como objeto de um discurso técnico-cientificista e de mercado, bem como mantêm uma “máxima garantia ao desconhecimento” do desejo (Furtado, 2024; Lacan, 1969/2003). Por fim, tal conjuntura contribui para a forclusão da função do sintoma, que é a de revelar a verdade do objeto; coloca a criança na posição de realização fantasística, justamente por não ter mediação entre o ideal do Eu e o objeto de desejo da mãe. Com isso, a crítica do Ideal do Eu, segundo Freud (1921/2020), é silenciada, e o que é feito e dito pelo objeto é inatacável e coerente. Sob esse viés, a criança presentifica no real o objeto que é causa de desejo, tamponando-o.

## Referências bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5a ed.).
- De Baptista, J. (2020). *O desejo nas psicoses*. São Paulo: Larvatus Prodeo Editora.
- Freud, S. (2016). *A interpretação dos sonhos*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud. *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. Edição Kindle. (Trabalho original publicado em 1921)
- Furtado, L. A. R. (2021). O sujeito na entrada da estação: Dick com Klein e Lacan. In L. A. R. Furtado. (Org.), *O sujeito na entrada da estação: estudos sobre o caso Dick, a clínica psicanalítica e o autismo* (pp. 35-96). São Paulo: Larvatus Prodeo Editora.
- Furtado, L. A. R. (2024). Espectro do autismo: um fantasma sem mediação e a máxima garantia ao desconhecimento. *Stylus: Revista de Psicanálise*, 1(44), 93-101. Recuperado de <https://doi.org/10.31683/stylus.v1i44.1008>

- Kanner, L. (1997). Os distúrbios autísticos do contato afetivo (pp. 111-170). In P. Rocha (Org.), *Autismos*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1943)
- Lacan, J. (1974-1975). *R.S.I. O seminário, 1974/1975*. Inédito. (Publicação não comercial)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1991). Conferencia en Genebra sobre el sintoma. In J. Lacan. *Intervenciones y textos 2* (2a ed., pp. 115-144). Argentina: Manantial. (Conferência original proferida em 4 de outubro de 1975)
- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Mannoni, M. (1987). *A criança, sua “doença” e os outros* (3a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Trabalho original publicado em 1967)
- Mannoni, M. (1995). *A criança retardada e sua mãe* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1964)
- Mannoni, M. (2016). *L'enfant, sa “maladie” et les autres*. Champ Freudien. Paris: Éditions du Seuil. Edição Kindle. (Trabalho original publicado em 1967). Recuperado de [https://www.amazon.com.br/LEnfant-maladie-autres-freudien-French-ebook/dp/B01BKONX62#featureBulletsAndDetailBullets\\_feature\\_div](https://www.amazon.com.br/LEnfant-maladie-autres-freudien-French-ebook/dp/B01BKONX62#featureBulletsAndDetailBullets_feature_div)
- Sanches, D. R., & Berlinck, M. T. (2010). Debilidade mental: o patinho feio da clínica psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 13(2), 259-274. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1516-14982010000200008>
- Soler, C. (1998). O sujeito e o Outro I (pp. 52-57). In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus. *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Viana, B. A., Furtado, L. A. R., & Vieira, C. A. L. (2020). Invenção e estabilização: uma experiência com crianças autistas em dispositivos de saúde mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), 313-336. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p313.9>

**Recebido:** 28/01/2025

**Aprovado:** 18/07/2025